

O MISTÉRIO DA IGREJA

Temas de discernimento para a Fraternidade Escolápia

1 A IGREJA CONTINUA A MISSÃO DE JESUS

Deus é comunhão de amor (Pai e Filho e Espírito Santo) que se abre à humanidade para compartilhar com as pessoas a sua vida, projeto e felicidade. Jesus, enviado pelo Pai, criou um grupo de discípulos para que convivessem com Ele e para enviá-los a evangelizar. Quando Ele consumou sua missão na terra, entregando a própria vida por inteiro para a salvação de todos, por amor, enviou seus discípulos ao mundo para que continuassem a mesma missão, na luz e força do Espírito Santo.

1.1. Evangelizar: missão de Jesus e da Igreja

"Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante d'Ele. Mesmo assim, alguns duvidaram. Então Jesus aproximou-Se e disse: «Toda a autoridade Me foi dada no Céu e sobre a Terra. Portanto, ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei. Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo». (Mateus 28,16-20)."

Jesus tomou consciência da própria identidade e pertença; compreendeu que era Filho de Deus e fora enviado a anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, do amor do Pai (ABBA) a todos, especialmente aos pobres e sofredores. Cheio do Espírito, assumiu essa missão, não na linha do poder nem da imposição, mas na linha do Servo que entrega a própria vida em favor de todos, por meio do testemunho de vida, da Palavra e dos milagres ou sinais que transformam as situações de dor em novas realidades de Vida, trazendo luz e alegria para o povo. Compartilhou a sua vida e missão, desde o início da mesma, com seus discípulos e discípulas, para que aprendessem no convívio com Ele a viver o Evangelho, caminhando na vida como filhos de Deus e irmãos de todos, e para que o anunciassem ao mundo. Chegada que foi a hora da sua volta ao Pai, encomendou-lhes a própria missão de evangelizar como responsabilidade principal.

"Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora. A ordem dada aos doze, "Ide, pregai a Boa Nova", continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos." (Evangelii Nuntiandi, 13).

A essência da Igreja é EVANGELIZAR, anunciando com obras e palavras que Cristo é o Salvador e que a mensagem do Evangelho é o caminho da vida verdadeira, a fonte da felicidade humana. Cada cristão e cristã, religioso ou leigo, ministro ordenado ou não ordenado, em virtude do Batismo, recebe o mesmo dom de Deus e a mesma missão.

1.2. Identidade e pertença (Batismo)

Jesus nos revela que todas as pessoas somos filhos e filhas de Deus. Deus Pai é a origem da nossa existência e nos criou por amor, tem um projeto de vida para cada um e para todos, e tudo encaixa perfeitamente para o bem de cada um e a harmonia entre todos. Enviou o Filho Amado ao mundo para nos salvar do poder do mal, acompanhar nossa caminhada e nos orientar pelo caminho da Vida. Derrama, também, o seu Espírito para despertar em nós a consciência desse mistério maravilhoso e o valor de PARTICIPAR no projeto divino.

Deus ama a todos e todas por igual. Os homens e mulheres, que escutam e acolhem a Boa Nova de Jesus, batizam-se em seu nome para participar da vida do Evangelho em comunidade. Assim, cada batizado e batizada é a pessoa que aceita viver como filho e filha de Deus e como irmão e irmã de todas as pessoas, participando na comunidade de Jesus e entregando a própria vida em favor da dignidade e felicidade do próximo.

Cada batizado é chamado a viver essa comunhão de amor com Deus e com as pessoas a partir do encontro vivo, permanente, pessoal e comunitário com Jesus Cristo, nosso irmão, amigo, pastor e salvador. Trata-se de uma relação única e intransferível, de uma experiência real, no âmbito da fé. *"Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim." (Gálatas 2,20).* A vocação de ser cristão parte, constantemente, desse encontro de amor entre cada batizado e Jesus Cristo. O Espírito, derramado por

Deus e que habita em cada coração, impulsiona cada fiel a esse encontro único e inigualável, que suscita vida nova, alegria e um amor a Deus e ao próximo, intenso e inesgotável. *"Já estou à porta e bato. Quem ouvir a minha voz e abrir a porta, entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo."* (Apocalipse 3,20).

1.3. Comunhão de filhos e irmãos (Eucaristia)

A vocação e missão do cristão alimentam-se na Palavra, acolhida em oração de diálogo e entrega, pessoal e comunitária, pois nela encontra inspiração, luz, motivação e força. *"Assim acontece com a Palavra que sai da minha boca: ela não volta para Mim sem ter produzido o seu efeito, sem ter realizado o que Eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual Eu a mandei."* (Isaias 55,11). O momento que expressa e impulsiona melhor essa comunhão é a Eucaristia, que significa participar da Ceia do Senhor, quando Ele se entregou incondicionalmente em favor de todos por amor. Aquele encontro de Jesus com seus discípulos ecoa através dos tempos e lugares, cada vez que uma comunidade cristã se encontra para celebrar a Páscoa do Senhor. A eucaristia faz a comunidade, a comunidade celebra a eucaristia. Nada substitui a eucaristia como o momento maior da comunidade cristã. Cada ciclo litúrgico recolhe os sentimentos e atitudes mais profundos dos cristãos em relação a Jesus: a alegria pela sua presença, a saudade pela ausência física, a esperança que suscita sua palavra, a promessa que impulsiona ao compromisso da fé na vida dos homens, principalmente a evangélica opção pelos pobres, na luta por um mundo melhor.

A oração diária a partir da Palavra, a celebração compromissada e adulta da eucaristia e a prática diária do amor ao próximo no engajamento e mobilização em favor da justiça e da paz, a renovação quotidiana das relações humanas, procurando o respeito e o diálogo com quem pensa ou sente diferente, a superação da inimizade, das antipatias, dos preconceitos... fazem parte do caminho cristão, enquanto esperamos a feliz realização das promessas no reino definitivo.

1.4. Testemunho: Profeta, Sacerdote e Rei (Pastor)

A Igreja é um povo de profetas, sacerdotes e pastores. Como profeta, vive da Palavra de Deus, que tem a primazia na vida cristã. A oração pessoal e comunitária está orientada pela Palavra, para viver e anunciar, no mundo, o projeto de Deus para a humanidade, revelado por Jesus no Evangelho. A oração e a vida cristã não estão pautadas pelos interesses individuais, mesmo que legítimos, mas pela vontade divina.

A Igreja é, também, toda ela, um povo sacerdotal, que intercede no mundo em favor de todos os homens, anunciando o Evangelho, transmitindo a reconciliação, a bênção e o amor de Deus; promovendo o encontro das pessoas com Jesus Cristo, o Salvador, fazendo-se de ponte entre Deus e a humanidade. A liturgia cristã não é assunto individual, mas comunitário, e todo o povo de Deus é chamado a participar ativamente nela, de acordo com as diversas funções e serviços. A eucaristia, fonte e ápice da vida cristã, precisa favorecer a participação ativa dos fiéis, tocando o coração, iluminando as mentes e convocando para a ação apostólica em favor dos sofredores.

Na sua função de ser Rei - Pastor, a exemplo de Cristo, a Igreja preocupa-se com tudo quanto afeta à vida e à história da humanidade. Nada do que é verdadeiramente humano pode ser alheio ao coração cristão. O Evangelho de Jesus é uma alternativa radical aos valores que dominam o mundo. É uma contradição ser cristão e se conformar, acomodar, ao pensamento e aos interesses que prevalecem em cada momento histórico, gerando divisões, injustiças, opressão, sofrimento dos pobres e falta de respeito ao ser humano. Jesus, Bom Pastor, sai ao encontro dos que estão perdidos, machucados, discriminados, à margem da sociedade. Do coração do Bom Pastor, nasce a pastoral da Igreja, a ação de amor afetivo e efetivo para transformar os sinais de morte em sinais de vida.

PARA REFLETIR

Que significa, na vida de cada um, o fato de ser batizado? Você experimenta no seu coração a alegria de viver em comunhão de fé e de amor com Jesus e com a comunidade cristã? Que quer dizer que pelo Batismo somos profetas, sacerdotes e pastores?

2. IGREJA, POVO DE DEUS

2.1. Comunidade que peregrina na fé

"Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero-o como perda. E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa d'Ele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, e estar com Ele (...). Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão nos seus sofrimentos, para me tornar semelhante a Ele na sua morte, a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos. Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo a correr para o conquistar, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. Irmãos, não acho já ter alcançado o prêmio, mas uma coisa faço: esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está adiante. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo. (Filipenses 3, 7-14).

Um cristão sozinho não é cristão, diziam os primeiros cristãos, conscientes de que caminhavam em grupo, em comunidade de fé e de amor. O povo da primeira aliança (Velho Testamento) sabia bem disso: a eleição divina era coletiva, para se ajudar mutuamente na caminhada da fé. Povo que experimentou fisicamente as agruras do deserto, experiência única e profunda de fé e de amor de Deus. Tudo era de todos, naquela vida marcada pelo montar e desmontar as tendas do acampamento e participar das mesmas alegrias e tristezas, angústias e esperanças, rumo à terra prometida. Assim, também, o povo da Nova Aliança em Jesus Cristo, que é a Igreja, caminha pelo mundo na consciência de ser peregrina que aprende a viver desmontando, a cada dia, as tendas do acampamento dos valores deste mundo para caminhar ao alcance da plenitude das promessas de Cristo rumo ao reino definitivo. As realidades deste mundo são importantes, porém relativas, e cada dia é uma bela oportunidade de fazer o bem, a exemplo de Jesus, revelando ao mundo o seu amor.

O cristão vive no mundo a partir dos valores do Evangelho. Não despreza as realidades materiais: a natureza, as coisas, os seres vivos, as pessoas etc., pois tudo foi criado por Deus e Ele viu que tudo é bom! Porém, é necessário, a exemplo de Cristo, viver com discernimento em relação a tudo quanto existe, pois é preciso *"buscar, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será acrescentado"* (Mateus 6, 33). Não se trata de uma atitude de alienação em relação ao mundo (tudo é pecado, nada presta, isso é do mundo etc.), mas de uma atitude natural em relação a tudo quando Deus criou, com espírito crítico, no sentido de discernir, constantemente, o que ajuda a viver o Evangelho e o que atrapalha, aproveitando cada momento da vida para testemunhar o amor de Deus que é derramado, pelo Espírito, em nossos corações, tomando atitude na história humana em favor do reino de Deus, fazendo acontecer uma história nova, transformada e inspirada na evangélica opção preferencial pelos pobres.

2.2. Comunidade de Jesus: discípulos

"Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram ter com Ele. Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com Ele e para os enviar a pregar, com autoridade para expulsar os demônios" (Marcos 3, 13-15). A Igreja é a comunidade dos chamados por Jesus. Cada cristão e cristã faz parte da Igreja, porque Cristo chamou. Quando a pessoa vai tomando consciência da própria vida e das próprias opções, mesmo que ainda seja criança, pode reconhecer e aceitar, na maturidade própria de cada idade e de cada ser humano, esse chamado que se experimenta no âmbito da fé. Um dia, essa fé pode se tornar adulta e ser vivenciada com maturidade e alegria, reconhecendo o amor precioso de Deus por cada um e em si mesmo e aceitando responder positivamente a um chamado único, pessoal e intransferível.

Esse chamado tem duas grandes dimensões: a vida interior e a projeção exterior. Somos chamados a ser discípulos e missionários. Cada um do jeito que é e como o Senhor o quer; não há duas pessoas iguais nem vocações absolutamente idênticas. A primeira dimensão desse chamado, é para conviver com Ele para aprender a viver de uma outra forma, segundo o estilo do Evangelho. Jesus é o Divino Mestre e os cristãos somos seus discípulos e seguidores, aprendendo a cada dia a viver na escola de amor em comunhão com Jesus.

2.3. Igreja em saída: missionários

A missão é consequência do discipulado. Por que aqueles primeiros discípulos e discípulas de Jesus o seguiram "imediatamente" deixando tudo quanto tinham? Porque experimentaram, na convivência com ele um fascínio extraordinário, insuperável. "Encontramos o Cristo", disse André a Simão Pedro, seu irmão, após conviver com Ele por um dia (João 1, 35ss). Naquela convivência, ficaram encantados, fascinados, cativados por Jesus. Tudo mudou para eles a partir daquele dia. É dessa experiência de

ENCONTRAR Jesus no caminho da vida e de aprender a conviver com Ele, que nascem o testemunho e a missão. A atitude de "deixar tudo" por Ele e pelo Evangelho é o primeiro fruto de encontrar e de conviver com Cristo. Pode-se vivenciar de formas diversas: continuando no mesmo estado de vida (família, trabalho, casa etc.) ou mudando, também de estado de vida, de trabalho, de lugar. Em todo caso, é fundamental experimentar e transparecer, pelo testemunho de vida, que Ele vive em mim, no meio de nós, em cada pobre e sofredor, perto de cada ser humano, para que o acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade, como reza uma das orações (prefácio) do tempo de Advento.

"Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Vivendo conforme a sorte de cada um e adaptando-se aos costumes do lugar, testemunham um modo de vida admirável. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem as leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos; fazem o bem, e são punidos; condenados, se alegram como se recebessem a vida" (da Carta a Diogneto).

A parábola do Bom Samaritano (Lucas 10, 25-37) expressa muito bem o que é uma Igreja em saída. O samaritano "viu e sentiu compaixão" perante o homem ferido e caído à beira da estrada; atuou assumindo e resolvendo a situação dele. Jesus convida: "vai e faz a mesma coisa".

2.4. Mística: Oração e Ação

A vida cristã nasce da inspiração da Palavra, que tem a primazia no desenvolvimento da fé na história de cada cristão e da Igreja. A Palavra acolhida em oração inspira, alimenta e impulsiona em nós sentimentos, pensamentos, convicções, atitudes, práticas e um estilo de vida evangélico, semelhante à vida de Cristo. A Palavra entra pelo ouvido, transforma a mente e o coração, projeta-se pelo olhar de ternura e misericórdia, pelas mãos em obras de amor que transformam, pelas palavras de bem, de gratidão a Deus e de anúncio da Boa Nova ao povo, pelos pés que saindo de si procuram a vida do povo para participar na sua transformação histórica na procura de uma vida digna para todos.

Nossa oração está cheia de egoísmos, imperfeições, limitações, pois nem sabemos bem como devemos orar. Jesus nos ensina a orar em atitude comunitária e solidária (Pai nosso), situando, em primeiro lugar, a vontade de Deus e pedindo a sua graça para procurar e fazer acontecer o reino de Deus. Pedimos o perdão, a reconciliação com todos, a graça para superar o individualismo egoísta e as armadilhas do mal. Na história dos santos e santas, aprendemos a orar como é conveniente aos cristãos: agradecer pela vida e pela fé, pedir a graça de reconhecer qual seja a vontade de Deus em cada momento e a coragem e força para praticar o que Deus nos pede a cada dia. *"Eis que venho, Senhor, com prazer, fazer a vossa vontade! (Salmo 39/40).*

A pessoa humana não é sozinha, mas, sendo profundamente pessoal, também é comunitária, pois nossa origem é o Deus Trindade, pessoal e comunitário. Assim é a oração cristã. Ela é dialogal e parte da escuta da Palavra de Deus que em cada momento da história pessoal e social fala uma mensagem viva e para a vida. Desperta, aviva, motiva e impele ao engajamento e mobilização das pessoas e dos grupos em favor do projeto divino. *"Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (João 10,10).* O sentimento cristão, alimentado pela oração evangélica, deriva em ação transformadora do mundo, da realidade humana e social, para que a história seja digna de Cristo pelo amor fraterno. Os ministérios da Palavra e da Liturgia preparam as mentes, os corações e as mãos dos cristãos para o ministério maior e principal que é a Caridade (o amor fraterno).

PARA REFLETIR

Todos somos chamados na Igreja a fazer uma passagem de um modelo marcado pelas práticas individuais, que procuram graças particulares, para um modelo de participação mais adulta, consciente e engajada com o Evangelho. Quais são as características, segundo o texto refletido, desse novo modelo eclesial?

3. IGREJA MINISTERIAL (SERVIDORA)

3.1. A serviço do Reino de Deus

"A evangelização há de conter também sempre, ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo, uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus." (Evangelii Nuntiandi, 27). O anúncio explícito do Evangelho de Jesus Cristo faz parte essencial da missão da Igreja, pois essa é a sua profunda vocação. *Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é impossível aceitar "que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade".(Evangelii Nuntiandi, 31).*

A evangelização nasce do **testemunho** de vida cristã de cada fiel e da comunidade eclesial. Testemunho que se abre em **diálogo** sincero com a sociedade plural, partindo sempre de uma identidade forte e com maturidade, respeitando as legítimas opções religiosas, sociais, culturais ou políticas dos outros. O mesmo testemunho também se projeta por meio do **anúncio** livre e claro do Evangelho de Jesus, como caminho verdadeiro de vida humana. Jamais poderia faltar, na comunidade cristã, a ação de **serviço** ao próximo, desinteressado, gratuito, por amor, para colaborar com a vida digna de todo ser humano que sofre situações de injustiça ou de abandono.

O serviço gratuito, sem esperar nada em troca, é, na realidade, a primeira exigência evangélica que brota do coração cristão. Significa, também, a presença dos cristãos nos âmbitos onde a história humana é dirigida ou determinada, como acontece no mundo do trabalho, da família, da política, das artes, da cultura, da economia, da educação, da saúde, das ciências e tecnologias, da comunicação, da ecologia e no cuidado com a casa comum, no lazer, nos esportes etc. O mundo todo é um imenso altar onde os cristãos oferecem, em cada atividade humana, o sacrifício da doação de si mesmos ao Pai, no projeto e caminho de Jesus, para que a humanidade seja renovada pelo Espírito para a glória de Deus, fazendo a sua vontade. *"A glória de Deus é que o homem viva de verdade". (Santo Ireneu).* Infelizmente, vive-se, com frequência, a incoerência de, por uma parte, participar de um culto cristão, para, por outra, servir, nas realidades do mundo, a projetos que contradizem o Evangelho do Senhor Jesus. Eis um dos grandes desafios da Igreja atual, procurar e cultivar a coerência evangélica entre a fé que se professa e a vida que se pratica a cada dia.

3.2. Dons, carismas, serviços e ministérios

"Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme Ele quer." (1Coríntios 12, 7-11).

Um dom é uma graça que Deus concede a uma pessoa para participar na comunidade e fazer um bem em favor do próximo. Quando esse dom toma posse da pessoa por inteiro e a encaminha para um serviço mais abrangente e para toda a vida, considera-se que é um carisma (uma graça de Deus). Um carisma, reconhecido pela Igreja, motiva e sustenta uma missão específica que envolve a pessoa toda por meio de uma entrega total a um serviço de evangelização. Um serviço é uma atividade evangelizadora que um cristão realiza em virtude da força do Batismo. Pode ser por um tempo limitado e absorve uma parte da vida do fiel. Quando esse serviço é mais abrangente, absorve a vida do cristão e é reconhecido oficialmente pela Igreja, considera-se ministério. Existem dois tipos de ministérios: ordenados (diácono, presbítero e bispo) e não ordenados (educação, palavra, saúde, comunicação, pastoral, social etc.).

3.3. Ministérios ordenados, vida consagrada e laicato

Os ministros ordenados são chamados e enviados pela Igreja para santificar o povo de Deus pelo serviço da Palavra, dos Sacramentos e da Caridade. A caridade pastoral constitui o núcleo da mística e da

espiritualidade dos ministros ordenados. Eles cuidam das comunidades eclesiais, despertam e reconhecem os dons e carismas, chamam a participar nos diversos serviços e ministérios que o Espírito suscita na comunidade cristã e organizam a pastoral e a evangelização. Na maioria das igrejas cristãs, os ministros ordenados, hoje, são homens.

Os ministros não ordenados não contam, ainda, com o reconhecimento e cuidado de que precisariam por parte da Igreja. São fundamentais para que a Igreja possa realizar melhor a missão que Jesus lhe confiou: Evangelizar, pois essa missão se desenvolve de formas diversas, tal como o Espírito suscita no coração dos fiéis, de acordo com as situações, necessidades e demandas do povo de Deus. Trata-se, sem dúvida, de um dos grandes desafios da Igreja dos tempos atuais.

Desde o início da história da Igreja, existe também a realidade de fiéis, mulheres e homens, que se consagram por inteiro a Deus, para servir ao povo de Deus. Vivem uma experiência intensa de oração, de comunidade cristã, a exemplo das primeiras comunidades, e ajudam na missão de evangelizar. Podem ser ministros ordenados ou não. Fazem parte das muitas ordens e congregações religiosas espalhadas pelo mundo afora. Historicamente, podem-se distinguir três grupos, pela dedicação maior a cada um desses elementos: a liturgia, a comunhão fraterna, o apostolado ativo. Todos os grupos assumem esses três eixos de vida, mas com intensidade diferente. Os religiosos escolápios, fundados por São José de Calasanz, fazem parte desse terceiro grupo que, assumindo a liturgia e a vida comunitária com intensidade, enfatizam mais no seu carisma o apostolado ativo, evangelizando principalmente por meio da educação transformadora das pessoas e da sociedade.

Com o despertar do valor do laicato na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, também os escolápios abrem espaço para a participação dos leigos e leigas na vida e na missão escolápia, por meio das diversas modalidades: cooperação, missão compartilhada, carisma e missão compartilhada (Fraternidade Escolápia) e integração jurídica.

3.4. Maria, modelo e intercessora da Igreja

A mãe de Jesus é apresentada pelos textos do Novo Testamento como modelo e intercessora da Igreja. É nela que os fiéis se espelham para viver a própria fé e dela esperam a graça da intercessão nas dificuldades da vida. É assim que o Concílio Vaticano II, no seu documento sobre o mistério da Igreja (Lumen Gentium), dedica um capítulo inteiro para meditar sobre a mãe de Deus, convidando os cristãos a aceitar sua mediação e seu exemplo de testemunho cristão, de seguimento a Jesus e de participação eclesial. Escolhida para ser a mãe do Salvador, agraciada por Deus e livre do mal, aceitou com humildade e espírito de doação total a sua missão.

Seguidora de Jesus caminhou até o momento da cruz, participando da ação evangelizadora do seu filho desde o início até o final. Presente na comunidade primitiva, participa na oração e na vida comunitária, do momento da efusão do Espírito em Pentecostes, junto com os apóstolos e demais discípulos de Cristo. Ela é apresentada como protagonista do momento principal da história humana, a encarnação do Filho de Deus. *"Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adotados como filhos. A prova de que sois filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!" (Gálatas 4,4-6).* Para ela, não foi privilégio, mas responsabilidade.

O Evangelho de João situa Maria como imagem da Igreja. Existem laços profundos de fé e de amor entre cada cristão e a Igreja: esta cuida de cada batizado com ternura e amor; o discípulo acolhe, no seu coração, a Igreja como se recebe uma mãe. *"Jesus viu sua Mãe e, ao lado d'Ela, o discípulo que Ele amava. Então disse a sua Mãe: «Mulher, eis aí o teu filho». Depois disse ao discípulo: «Eis aí a tua Mãe». E, dessa hora em diante, o discípulo recebeu-a em sua casa." (João 19, 26-27).*

PARA REFLETIR

Hoje convivem na Igreja diferentes modelos de ser Igreja. Uns mais individualistas, outros mais comunitários. Uns mais voltados para a necessidade de cada um, outros mais de compromisso pastoral. Qual é o modelo que o Papa Francisco e a Igreja do Brasil impulsionam? E os escolápios?